

A PEDAGOGIA DO DOM (DA REVELAÇÃO)

*“Aprouve a Deus, na sua bondade infinita e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade, por meio do qual os homens, através de Cristo, Verbo Incarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e n’Ele se tornam participantes da natureza divina. Por consequência, em virtude desta revelação, Deus invisível, na abundância do seu amor, fala aos homens como amigos e dialoga com eles, para os convidar à comunhão com Ele e nela os receber”*¹.

1. Deus revela-se como Aquele que se quer comunicar a si mesmo para admitir à comunhão com Ele e torná-lo participante da sua natureza

O desígnio da revelação não é a comunicação de qualquer verdade teórica ou abstracta, mas é o encontro entre Deus, que vem em busca do homem e o homem, que procura um sentido para a vida e responde a Deus pela fé². “Revelando-se a Si mesmo; Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes de fazer”³.

Este desígnio divino “comporta uma particular “pedagogia divina”: Deus comunica-se gradualmente ao homem e prepara-o, por etapas, para receber a Revelação sobrenatural que faz de Si e que vai culminar na pessoa e missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo”⁴.

1.1. As etapas da revelação

A Criação - “«Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo, oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação»⁵. Deus dá-se a conhecer às criaturas desde a origem do criado. Na criação, o “homem é o evento dum livre, gratuita e indulgente auto-comunicação de Deus”⁶. Isto quer significar que “Deus, na sua realidade mais autêntica, torna-se o constitutivo mais íntimo do homem. Trata-se, pois, dum auto-comunicação *ontológica* de Deus”⁷. Dito de modo mais simples: “Desejar a Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que não se cansa de procurar”⁸. Desde as origens, o homem é convidado à comunhão e “relação íntima e vital”⁹ com Deus.

A revelação de Deus na criação aparece elaborada como um drama em que Deus é o actor do primeiro acto: é o Deus criador frente à sua obra. Neste primeiro acto, o homem entende-se como criatura que conhece e reconhece o criador. O homem recebe o seu ser daquele de quem provém. O segundo tem como actor o homem e corresponde fundamentalmente à não correspondência do homem às possibilidades oferecidas por Deus. O homem, por esta sua opção, aparece como essência paradoxal, existência fracassada, homem em oposição. No terceiro acto reentra de novo Deus como resposta de justiça, situada entre o respeito pela opção do homem e a oferta gratuita da salvação¹⁰.

¹ DV, 2

² CatIC, 142: “Pela fé, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus que Revela”.

³ Ibidem, 52.

⁴ Ibidem, 53

⁵ DV, 3

⁶ RAHNER, Karl - *Curso fundamental sobre la fe - introducción al concepto de cristianismo*. Herder, Barcelona, 1989, 147.

⁷ Ibidem, 148

⁸ CatIC, 27. Veja-se também o DGC, 36: “A pessoa humana, que por sua natureza e vocação é «capaz de descobrir Deus» quando ouve a mensagem das criaturas, pode atingir a certeza da existência de Deus como causa e fim de tudo”.

⁹ GS, 1.

¹⁰ Cf. FRIES, Heinrich - *Accion y palabra de Dios en la historia de la salvacion*. In: *Mysterium Salutis - Manual de Teologia como história de la salvacion* (vol. I). Ediciones Cristiandad. Madrid, 1992, 228-234.

A História da Salvação - A história da salvação é o exercício desta pedagogia da justiça de Deus que se desenvolve na história como origem, como promessa, aliança e cumprimento (em Jesus Cristo).

O *Catecismo da Igreja Católica*, ao apresentar as etapas da revelação enumera-as assim: testemunho que Deus dá de si mesmo na criação (nº 54); promessa da redenção depois do pecado dos nossos primeiros pais (nº 55); a economia da aliança com Noé” (nº 57-58); a eleição de Abraão e dos patriarcas (nº 59-61); a constituição do povo de Israel, como “o povo dos “primogénitos” na fé de Abraão” (nº 63); os profetas, através dos quais “Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens, e que será gravada nos corações” (nº 64).

A história é o lugar que Deus elege para encetar o diálogo salvífico com o homem - na história e pela história, Deus solicita ao homem uma resposta que é “obediência da fé”¹¹, a fim de o tornar participante do dinamismo da sua vida.

Jesus Cristo, “mediador e plenitude de toda a revelação”¹² - A Revelação de Deus à humanidade (revelação progressiva e por etapas, feita de acontecimentos e palavras e através de mediadores vários¹³) culmina em Jesus Cristo, mediador e plenitude de toda a Revelação.

O *Directório Geral da Catequese*, citando o nº 4 da *Dei Verbum*, sublinha com ênfase que “Jesus Cristo, com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito da verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a Revelação”¹⁴.

Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, é a “Palavra única, perfeita e inultrapassável do Pai”¹⁵, “o acontecimento decisivo para o qual convergem todos os acontecimentos da história da salvação”¹⁶. Assim, “depois d’Ele, não haverá outra revelação”¹⁷.

A Pedagogia da Encarnação, levada a cabo por Jesus Cristo, solicita ao homem uma resposta numa “dupla dimensão: “a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou”¹⁸. «Crer» tem, pois, uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, pela confiança na pessoa que a testemunha”¹⁹. Em Jesus Cristo, a Pedagogia de Deus diz-se em plenitude.

1. 2. Características da pedagogia do dom da revelação

O nº 139 do *Directório Geral da Catequese* caracteriza com cuidada precisão a pedagogia do dom da revelação ao longo da história.

Na Escritura, e “por analogia com os costumes humanos e segundo as categorias culturais do tempo, Deus é visto”²⁰:

- **Como um Pai misericordioso.** Na cultura bíblica, Deus é chamado Pai enquanto criador do mundo e em razão da Aliança e do dom da Lei. Também é “o Pai dos pobres”, do órfão e da viúva, postos sob

¹¹ O nº 144 do CatC explicita o que obedecer na fé: “Obedecer (“ob-audire”) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade”.

¹² DV, 2.

¹³ DGC, 38.

¹⁴ DGC, 40 e DV, 4, na linha de Heb 1, 1-2.

¹⁵ CatC, 65.

¹⁶ DGC, 40.

¹⁷ CatC, 73. Os nº 66 e 67 explicitam bem este tema ao esclarecer com peculiar clareza que “apesar de a Revelação ter acabado, não quer dizer que esteja completamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance, no decorrer dos séculos” (nº 66). E acrescenta, no nº 67: “A fé cristã não pode aceitar “revelações” que pretendam ultrapassar ou corrigir a Revelação de que Cristo é o acabamento”.

¹⁸ DGC, 54.

¹⁹ CatC, 177.

²⁰ DGC, 139.

a sua protecção amorosa²¹. «Deus trata-vos como filhos; e qual é o filho a quem o seu pai não corrige?»²².

- **Como um mestre e um sábio, educador genial e providente** que faz dos acontecimentos da vida e da histórias lições de sabedoria e acolhe e se adapta às diversas idades, contextos e situações vitais²³. Entrega ao Seu povo palavras de salvação para serem transmitidas de geração em geração; educa, advertindo com a recordação do prémio e do castigo; “torna formativas as próprias provas e sofrimentos”²⁴.

- **Como um Deus libertador**, que se relaciona pessoal e concretamente com o ser humano - indivíduo e comunidade - na condição existencial em que se encontra, e lhe oferece a libertação e salvação, livrando-o dos laços do mal, chamando-o a Si com vínculos de amor e refazendo permanentemente a sua dignidade²⁵, faz com que ele “cresça progressiva e pacientemente, até à maturidade de filho livre, fiel e obediente à Sua palavra”²⁶.

Em síntese, e segundo o *Directório Geral da Catequese*, “*este desígnio providencial do Pai, revelado plenamente em Jesus Cristo, realiza-se com a força do Espírito Santo. E comporta: a revelação de Deus, da sua «verdade profunda», do seu «segredo», da verdadeira vocação e dignidade da pessoa humana; a oferta da salvação a toda a humanidade, como dom da graça e da misericórdia de Deus, que implica a libertação do mal, do pecado e da morte; o chamamento definitivo para reunir todos os filhos dispersos na família de Deus, realizando assim a união fraterna entre as pessoas*”²⁷.

²¹ CatI, 238. O n.º 239 acrescenta: “Ao designar Deus com o nome de “Pai”, a linguagem da fé sugere particularmente dois aspectos: que Deus é a primeira origem de tudo e autoridade transcendente, e, ao mesmo tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos”.

²² Heb 12,7.

²³ Cf. DGC, 139.

²⁴ DGC, 139.

²⁵ Veja-se como Jesus caracteriza o Pai na Parábola do Filho Pródigo.

²⁶ DGC, 139.

²⁷ DGC, 37.